

Resenha

As teorias da exclusão

Para uma construção do imaginário do desvio*

Charbelly Estrella**

Pensar e mapear os estudos dos laços sociais e suas naturezas diversas desenvolvidas pelo homem ocidental transformam o livro de Martine Xiberras em uma obra de êxito, de indispensável leitura nos primeiros passos acadêmicos. A autora não se intimida frente à grandiosidade do pensamento sociológico e traça uma linha progressiva e interessante que passa por Émile Durkheim, Max Weber e Georg Simmel, denominados por ela como “pais fundadores” da sociologia; por Michel Maffesoli; pela Escola de Chicago; pelo interacionismo simbólico; e pelo enfoque na comunicação da “invisível” Escola de Palo Alto.

Nos comentários introdutórios, é reconhecida a complexidade em se delimitar ou classificar grupos de excluídos, os seus processos e agentes, o que nos deixa à mercê de uma infinidade de variáveis: “Para definir a exclusão de forma autônoma, é necessário precisar o espaço de referência que provoca rejeição e as múltiplas maneiras pelas quais esta exclusão se produz.” (p.28) Entretanto, urge o entendimento dos elementos que fundamentam os laços sociais, que reúnem os homens em sociedades ou comunidades, para que, por meio da observação de uma força de coesão social, seja possível traçar o caminho inverso – descobrir o processo de ruptura desses laços que causam anomia e exclusão dos indivíduos.

É exatamente com base nessa lógica

que o primeiro capítulo é apresentado na forma de Teorias da Sociologia Clássica. Tem-se por objeto a coesão social: das relações sociais (natureza do laço social) e a coerência das relações coletivas (natureza do laço moral), firmando os primeiros passos em direção ao entendimento da natureza e densidade do laço que liga os indivíduos, e como e porque esse mesmo laço por vezes se rompe.

Dentre os três “pais fundadores” da sociologia, Xiberras inicia seu estudo por Émile Durkheim e sua visão da influência coletiva sobre a natureza do laço horizontal – o que liga os homens em conjunto e permite estabelecer relações de solidariedade. Durkheim vai buscar na biologia, ciência em franco desenvolvimento no século XIX, a terminologia para categorizar essa solidariedade em mecânica - própria das sociedades tradicionais que funcionam sob o princípio de semelhança que une os indivíduos; e orgânica, que remete ao funcionamento de um organismo vivo,

em que cada elemento sabe da importância de sua parte para o todo, conferido à sociedade moderna. É com base nessas formas de relação social que Durkheim vai estudar a natureza do suicídio, pela classificação da densidade moral e social que ligavam seus agentes a seus grupos sociais.

Georg Simmel parte da relação com a alteridade, com o outro, com o estrangeiro. Enfoca a relação de indivíduo para indivíduo ou

do indivíduo com o grupo, fundando assim a microsociologia. Para Simmel, é por intermédio dessa “unidade” de relação social que podemos possibilitar a aceitação ou exclusão do estrangeiro por parte do grupo, respectivamente, relação positiva e relação negativa. Para tanto, Simmel encontra na vida metropolitana (sociedades modernas) laboratório privilegiado para o estudo dessa relação face a face do indivíduo. Para o autor, o aumento da densidade populacional é a origem do decréscimo da densidade moral; o estrangeiro ali está, mas não consegue se inserir. Classifica da seguinte forma essas relações cosmopolitas com a alteridade: indiferença ou atitude insensível, cálculo e abstração, liberdade e singularidade e hostilidade e exclusão. Por fim, tem-se a sociologia compreensiva de Max Weber, que desenvolve o estudo sobre o que ele chamou de laços sociais verticais – a relação do indivíduo ou do grupo com a auto-

ridade (política, econômica e pedagógica). Detendo-se no estudo da atividade social, não trataria mais de detectar somente o peso das estruturas sociais, mas como os agentes as vivem e animam. É esta relação com a autoridade que Weber classifica de dominação legítima, pois apesar de exigir obediência e disciplina, implica também na adesão dos indivíduos. Assim sendo, teríamos três categorias de dominação legítima: tradicional, carismática e legal.

Abrangendo essas três primeiras vertentes da sociologia, pode-se começar a perscrutar qual a natureza dessa força de coesão/exclusão que rege as relações sociais na modernidade e como os indivíduos se inserem e se excluem de processos sociais.

No segundo capítulo, a autora nos apresenta o painel das teorias do desvio, abordando a importância da teoria da ecologia humana pela Escola de Chicago, na qual são retomadas as questões de densidade moral e social e suas antíteses, heterogeneidade e anomia. A cidade consolida-se como laboratório incontestado para a observação do desenvolvimento das relações entre os indivíduos, tais como as de vizinhança, e desses para com suas comunidades. O Interacionismo Simbólico, por sua vez, vai buscar estudar o desvio *in situ*, ou seja, analisar o fenômeno no espaço onde ele se dá, criando empatia com o objeto e vínculos duráveis, evitando assim movimentos e conclusões etnocêntricas. É nesse momento que serão tratadas questões diretas de exclusão por procedimentos estranhos a um grupo, dando origem à idéia de *outsider* - aquele que transgredir uma norma e se torna estranho ao grupo ou ainda aquele que é estranho ao grupo de transgressores. É pela observação da prática do desvio que os sociólogos da Escola de Chicago vão procurar entender as forças de exclusão social, que geram indivíduos marginais, e a força de coesão social, que reúne estes mesmos indivíduos em comunidades paralelas. Chegando à sociologia francesa, Martine Xiberras traz à tona o estudo sobre a criminalidade de Foucault, observando a civilização ocidental e seu sistema de normatização social. A autora passa ainda pelo estudo da marginalidade de Yves Barel, que classifica de duas formas as relações dos excluídos na sociedade: função-espelho e função-tabu.

Interessante nesse capítulo é a retomada da discussão sobre anomia iniciada por Durkheim para abordar a dissolução do laço social, ou ainda, uma forma anor-

mal de divisão do trabalho. Uma nova ótica surge em meados do século XX, quando Robert Merton declara a anomia como resultante do conflito entre o reconhecimento dos valores materiais de nossa sociedade e a busca dos mesmos por meios ilícitos, para as normas vigentes. Entretanto, a anomia não se caracteriza somente pela dissolução do laço social, como havia proposto Durkheim em seu estudo sobre os suicidas, mas também pode aparecer em sua forma positiva de reagrupamento dos indivíduos de mesma atividade desviante ou marginal, de que nos fala Barel. Esses agrupamentos dão origem à coesão social de natureza comunitária, baseada nas mesmas formas de representação, contudo sem laços com a sociedade global.

O terceiro capítulo apresenta as Teorias da Sociologia Contemporânea, as vertentes pós-modernas de pensamento, com o reconhecimento de que o grande projeto moderno de evolução da solidariedade mecânica para a orgânica fracassou. Coesão social e densidade moral não se sustentaram frente ao crescimento populacional urbano. O que mais importa aos sociólogos contemporâneos talvez não resida mais na dissolução do laço social global, mas sim na inovadora possibilidade de coexistência de diferentes laços afetivos efêmeros, originando o que Michel Maffesoli denomina de *neo-tribalismo*. A polimorfia das relações urbanas na contemporaneidade abre-nos espaços, antes inconcebíveis, de fragmentação dos laços sociais e do afrouxamento da densidade moral, reescrevendo a solidariedade mecânica durkheiminiana.

No quarto capítulo, a autora resume todas as vertentes teóricas em torno dos temas centrais do livro: laço social, densidade moral e densidade social, consciência coletiva e procedimentos de desvio, na busca de uma conceitualização atualizada e de uma síntese de como as relações sociais se estabelecem e em que níveis de representação coletiva se dão (modelização).

Como conclusão, Xiberras atende ao chamado pós-moderno, quando os movimentos de exclusão não são mais o enfoque dos debates sociológicos, mas a maneira original de como esse fenômeno pode gerar formas inusitadas de laços comunitários ou tribais. A exclusão de um grupo representa o reagrupamento de outro, e assim sucessivamente.

Enquanto as teorias modernas debatiam-se sobre a regeneração do

laço social global, ou ainda da passagem da solidariedade mecânica para a orgânica, não obtendo sucesso, os teóricos pós-modernos inverteram a lente do observatório urbano: encontraram no desgaste dos laços sociais, na anomia positiva e na perda de referência nas representações coletivas um processo infinito de criação de comunidades afetivas. Enquanto a modernidade debruçou suas preocupações na recuperação da sociedade fragmentada, a pós-modernidade encontrou nos processos de exclusão e fragmentação social a origem da nova ordem solidária que liga os indivíduos, em um movimento incessante.

(*) As teorias da exclusão – Para uma construção do imaginário do desvio. XIBERRAS, Martine. Lisboa: Série Epistemologia e Sociedade, Instituto Piaget, 1993.

****Pós-Graduada em Comunicação e Espaço Urbano pela Faculdade de Comunicação Social da UERJ.**